

Cidade: Porteiras Estado: Ceará
Comunidade Quilombolas do Souza

Mobilizador Cultural: Ticiano Linard da Silva/ Teresinha Arlindo de Souza

Resenha Histórica da Dança do Coco

A dança do coco está presente em quase todo o espaço de remanescentes de quilombolas. É uma dança e um ritmo que mostra facilmente sua origem africana. Segundo alguns estudiosos ela teria surgido do hábito dos escravos cantarem enquanto faziam as tarefas, uma delas quebrar o fruto dos coqueiros, batendo pedra contra o coco e no processo da farinhaada nas casas de farinha. É provável que um deles tenha aproveitado os sons para aquela melodia que se formava. Posteriormente teriam simulado, com as mãos, o barulho que as pedras fazem ao bater no coco. Daí a ficarem em roda ritmando, com as mãos e os pés não deve ter demorado tanto. “Ira ao coco” passou a ser sinônimo de ir dançar, dançar ao som e ao ritmo que faziam ao quebrar os cocos.

Dos coqueirais aos terreiros do sítio e das fazendas foi um percurso quase natural. Assim, também, a dança do coco alcançou as pontas de ruas quando se deu o processo de urbanização. Era uma dança dos mais pobres, uma dança que se fazia nos centros das Comunidades Quilombolas, pontas de ruas nas praias e foi, durante algum tempo, também reprimida, pois os padrões morais de então viam como atentado aos bons costumes.

O coco quase sempre é dançado em pares de casais, formada por homens e mulheres que, entrelaçando as mãos de um lado para o outro, ritmam com os pés tendo denominação de pisada. No centro dos casais fica o Coquista/ Mestre, ou seja, aquele que improvisa versos que são repetidos por todos que estão dançando.

O coco possui dois ritmos distintos, o “tropé/pisada” ou “tropel”, que é um sapateado vigoroso, marcado pelos pés descalços ou tamancos pesados e que se ajusta àquele executado nos instrumentos musicais. A umbigada está presente em muitas variantes.

Um dos cocos mais populares é o de embola, que se caracteriza pelas curtas frases melodias repetidas várias vezes em cadência acelerada, com textos satíricos

(quase sempre improvisadas, em clima de desafio) onde o que importa é não perder a rima.

O coco é um folguedo no ciclo junino, que é dançado também em outras épocas do ano.